

ARTIGO

Novas-velhas questões?

[Re]visitando as teorias de John F. C. Turner
sobre a “cidade informal” no Brasil¹

¿Nuevas-viejas cuestiones?

[Re]visitando las teorías de John F. C. Turner
sobre la “ciudad informal” en Brasil

New old issues?

[Re]visiting John F. C. Turner’s theories
on the “informal city” in Brazil

José Carlos Huapaya Espinoza

Universidade Federal da Bahia

Leticia Grappi

Universidade Federal da Bahia



1 Este artigo foi originalmente apresentado no XVII ENANPUR, realizado na cidade de São Paulo, em 2017. Agradecemos aos editores do periódico e aos autores pelo o aval para esta publicação.

RESUMO:

Nos últimos cinco anos, vem sendo produzido um conjunto significativo de pesquisas que tentam resgatar, reavaliar e reinterpretar a pertinência atual das teorias do arquiteto inglês John F. C. Turner desenvolvidas entre as décadas de 1960 e 1970. A proposta deste artigo busca um triplo objetivo. No primeiro, interessa-nos analisar os aportes de Turner para o debate sobre a “cidade informal” a partir de uma série de textos publicados por ele entre 1963 e 1976; no segundo, tentamos reconstituir e entender as eventuais repercussões do ideário *turneriano* no Brasil durante sua visita ao país em 1968; e, finalmente, no terceiro objetivo, centramo-nos nas posteriores ressonâncias de Turner no Brasil a partir dos aportes de Carlos Nelson e, mais recentemente, na escala latino-americana, nos projetos para habitação popular elaborados pelo escritório Elemental. A [re]visão das teorias de John Turner iniciadas há 50 anos se mostram ainda vigentes no que tange ao problema da habitação social, ao conceito de moradia vinculado não só a equipamento urbano, mas, também, ao melhor desenvolvimento das atividades dos moradores, à necessidade dos processos participativos da sociedade e ao olhar sobre as potencialidades da cidade informal.

Palavras-chave: John Turner, Cidade informal, Habitação social, Brasil.

RESUMEN:

En los últimos cinco años, se ha producido un conjunto significativo de investigaciones que intentan rescatar, reevaluar y reinterpretar la pertinencia actual de las teorías del arquitecto inglés John F. C. Turner, desarrolladas entre las décadas de 1960 y 1970. La propuesta de este artículo busca un triple objetivo. El primero, analizar los aportes de Turner en el debate sobre la “ciudad informal” a partir de una serie de textos publicados por él entre 1962 y 1976; el segundo, intentar reconstruir y entender las eventuales repercusiones del ideario de Turner en Brasil durante su visita al país en 1968; y, finalmente, como tercer objetivo, nos centramos en las posteriores resonancias de Turner en Brasil a partir de los aportes de Carlos Nelson y, recientemente, en la escala latinoamericana, en los proyectos para vivienda popular elaborados por el estudio Elemental. La [re]visión de las teorías de John Turner en el Brasil iniciadas hace 50 años se muestran aún vigentes en lo que corresponde al problema de la vivienda social, al concepto de *hábitat* vinculado no solo al equipamiento urbano, sino, también, al mejor desarrollo de las actividades de los habitantes, a la necesidad de los procesos participativos de la sociedad y a la mirada sobre las potencialidades de la ciudad informal.

Palabras clave: John Turner, Ciudad informal, Vivienda social, Brasil.

ABSTRACT:

In the last five years, we have seen the production of a significant set of researches that try to rescue, re-evaluate and reinterpret the current relevance of the theories of the English architect John F. C. Turner developed between the decades of 1960 and 1970. The purpose of this article is threefold. First, we are interested in analyzing Turner’s contributions to the debate on the “informal city” from a series of texts published by him between 1963 and 1976. Second, we try to reconstruct and understand the possible repercussions of the Turner’s ideology in Brazil during his visit to the country in 1968. Finally, we focus on the later resonances of Turner in Brazil based on the contributions of Carlos Nelson, and more recently, on the Latin American scale, on the projects for popular housing elaborated by Elemental. The [re]view of John Turner’s theories initiated 50 years ago are still in force with regard to the problem of social housing, to the idea of housing linked not only to urban equipment, but also to the better development of the activities of the residents, to society’s need for participatory processes, and to the need to look at the potential of the informal city.

Keywords: John Turner, Informal city, Social housing, Brazil.

Introdução

Nos últimos cinco anos, aproximadamente, vem sendo produzido um conjunto significativo de pesquisas que tentam resgatar, reavaliar e reinterpretar a pertinência atual das teorias do arquiteto inglês John F. C. Turner desenvolvidas, em especial, entre as décadas de 1960 e 1970 como resultado da sua experiência na América Latina. Parte desses trabalhos, como os de García-Huidobro *et al.* (2008), Aguiar (2010), Gyger (2013), Santos (2014), McGuirk (2014), Cohen (2015), Fernández-Maldonado (2015), entre outros, vem reforçando e problematizando questões como a “cidade informal”, a situação da habitação popular nas urbes contemporâneas, os processos de autoconstrução e autogestão, a ideia da “moradia progressiva” como possibilidade real das camadas menos favorecidas e/ou mais vulneráveis e a função social do arquiteto².

A aproximação de Turner com o continente americano foi possibilitada através do arquiteto peruano Eduardo Neira Alva no final da década de 1950 (HUAPAYA, 2015c). O contato com a realidade peruana (radicalmente oposta à inglesa), os problemas da habitação social e mais especificamente a presença e particularidades das *barriadas limeñas* foram decisivos para sua posterior reflexão, estudo e defesa dos assentamentos precários, mas, também, das formas de organização social neles desenvolvidos.

A proposta deste artigo³ busca um triplo objetivo. No primeiro, interessa-nos analisar os aportes de Turner para o debate sobre a “cidade informal” a partir dos seguintes textos publicados por ele entre 1963 e 1976, ou seja, no período mais fértil e de elaboração das suas teorias: “Dwelling Resources in South America” (1963), “A New View of the Housing Deficit” (1966), “The Squatter Settlement: An Architecture that Works” (1968) e *Housing by People* (1976). A escolha desses trabalhos justifica-se pela grande repercussão internacional dos mesmos e pelo fato de que neles Turner consegue condensar grande parte de seu pensamento.

O segundo objetivo tenta reconstituir e entender as eventuais repercussões do ideário *turneriano* no Brasil durante sua visita ao país em 1968,⁴ tendo como fonte principal o levantamento de matérias publicadas entre 1968 e 1977 nos principais jornais locais das cidades visitadas por Turner⁵. Esse

2 Uma das primeiras análises sobre as teorias de Turner foi realizada por Peter Hall (1988) no livro *Cidades do Amanhã*, na seção “Turner vai ao Peru”, no capítulo “A cidade da suada equidade”. Em relação ao debate sobre a função social do arquiteto, vale a pena mencionar que o mesmo esteve presente, em especial a partir da década de 1950, nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e em outros fóruns, como os Seminários da Sociedade Interamericana de Planejamento. A esse respeito ver: Huapaya (2015a e 2015b).

3 Esta comunicação é um resultado parcial da pesquisa em andamento intitulada “John Turner e o Brasil: [re]visitando as teorias sobre participação popular, 1960-1970” desenvolvida entre 2016 e 2017, no âmbito da FAU-FBA com apoio da FAPESB.

4 Tem-se notícias de que Turner visitou o Brasil em 1968 e 1977.

5 São eles: *Jornal A Tarde*, *Tribuna da Bahia* e *Diário de Notícias* (Bahia); *Diário de Pernambuco* (Pernambuco); *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil*; *O Fluminense* e *Tribuna da Imprensa* (Rio de Janeiro); *Folha de São Paulo* e *o Estado de São Paulo* (São Paulo).

episódio, ainda pouco explorado e conhecido, é significativo na medida em que, temporalmente, se situa no período posterior à implantação do Governo Militar e à criação do Banco Nacional de Habitação (BNH) em 1964. Naquele momento, Turner estava vinculado ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), em Cambridge, dando-lhe grande projeção internacional, permitindo-lhe visitar vários países da região na qualidade de “técnico especializado”.

Finalmente, embora que de forma ainda exploratória e em processo de construção, centramo-nos nas posteriores ressonâncias de Turner no Brasil a partir dos aportes de Carlos Nelson e, mais recentemente, na escala latino-americana, nos projetos para habitação popular elaborados pelo escritório Elemental, do arquiteto chileno Alejandro Aravena. Assim, pretendemos entender até que ponto, nos dois casos, ambas as visões se fundamentam em reflexões teóricas próprias ou, pelo contrário, na “atualização” das teorias de Turner, ou seja, naquilo que poderíamos de denominar de novas-velhas questões.

Os aportes teóricos de John F. C. Turner para a “cidade informal” latino-americana

Segundo Gorelik (2005), a questão habitacional nos países “em processo de modernização” na primeira metade do século XX constituía-se em uma pauta ainda pouco discutida na América Latina pelos profissionais do campo da arquitetura e do planejamento urbano. A partir desse panorama, podemos formular os seguintes questionamentos: como era produzida a moradia na chamada “cidade informal” latino-americana? Qual era e como se dava a participação da população nesses processos? De que forma e qual foi o envolvimento de arquitetos e planejadores? Qual a posição do poder público nessa questão? Essas também foram algumas inquietações do arquiteto John F. C. Turner a partir de sua aproximação com América Latina em meados da década de 1950.

Parte desses questionamentos foram respondidos em seu célebre artigo “Dwelling Resources in South America” (1963), no qual Turner fez uma análise da *barriada* peruana (Figura 1) e, de forma mais ampla, um balanço sobre a situação habitacional na “cidade informal” do continente. Apesar de o panorama brasileiro não ter sido explorado nesse estudo⁶, é possível perceber como as ideias defendidas por ele são também aplicáveis à nossa realidade nacional, visto que, como ele mesmo afirmava, os países latino-americanos possuíam um histórico passível de comparação no que diz respeito à colonização europeia e aos processos avassaladores da urbanização.

É importante chamar a atenção para algumas características do contexto sul-americano no momento em que Turner inicia seus estudos: o precário e incipiente processo de industrialização, a frágil política de substituição de importações implantada nesses países e a busca pela tão almejada modernização. Como consequência, as cidades passam a ser um grande polo de atração da população

6 Além de situações peruanas como as *barriadas*, Turner analisa exemplos de casos habitacionais chilenos, venezuelanos e colombianos.



Figura 1. Rua principal de uma *barriada* em Lima.

Fonte: Turner (1963).

camponesa, que, por sua vez, encontra dificuldade de adaptação e falta de equipamento e infraestrutura urbana necessários. É nessas circunstâncias que a falta de moradia nas principais capitais torna-se um problema central na medida em que elas não estavam preparadas para o enorme contingente de pessoas que passam a habitá-las (ALMANDOZ, 2009).

Os *slums*⁷, localizados em áreas centrais da cidade, como Turner aponta, acabaram sendo o principal destino dessa população, já que o valor de aluguel era mais baixo em relação ao restante da cidade. Porém, segundo Turner, eram lugares com baixa habitabilidade e péssimas condições sanitárias. Além disso, não permitiam ao usuário flexibilidade em seu uso. É a essa realidade que os imigrantes recém-chegados eram obrigados a se submeter, tendo a necessidade, segundo Turner, de gastar parte considerável de suas economias para melhorar tais condições.

Diante de tais circunstâncias de incompatibilidade financeira, o morador dos *slums* encontrou nas *barriadas* uma solução mais adequada para seus problemas. Nestas, os moradores não precisavam pagar altas taxas de aluguel e, principalmente, eles tinham *autonomia*. Para Turner (1963), as *barriadas* eram conjuntos de moradias onde um grupo de pessoas ocupava um terreno (público ou privado),

⁷ Para Turner os *slums* diferem das *barriadas*, pois nos *slums* o morador tinha que pagar aluguel para o proprietário e nas *barriadas* o morador era o proprietário.

tornando-o uma comunidade habitada. Num primeiro momento, a ocupação era feita de maneira provisória (muitas vezes com barracos e estruturas precárias) e, na medida em que a condição financeira os permitia, eles usavam materiais de maior caráter permanente. Essas particularidades ajudam a entender o porquê da presença e crescimento da “cidade informal”.

Além da possibilidade de adequação ao ritmo financeiro de seus moradores, as *barriadas*, como Turner aponta, tinham outro fator de extrema importância: a sua *organização horizontal*. São locais onde a própria comunidade é responsável pelo funcionamento do espaço, pela logística e administração. Tendo essa organização caráter informal ou não, o fato de os próprios habitantes desses locais serem os responsáveis pelo funcionamento do espaço onde vivem fomenta, segundo Turner (1963), o espírito de união e faz com que as pessoas se sintam peças importantes nesses locais. Essa organização, na maioria das vezes, se encontra caracterizada e concretizada por algum tipo de associação feita pelos próprios moradores. As associações acabam se tornando a voz e a representação dos mesmos diante de fatores externos. Nessas organizações, busca-se atender as demandas da comunidade a partir de decisões coletivas e participativas. Turner acreditava que a auto-organização desses assentamentos era fundamental para seu funcionamento e, por isso, defendia que a participação popular era o elemento chave ao tratarmos da habitação.

Em “Dwelling Resources...”, Turner mostrava que, num período de sete anos (de 1949 a 1956), o governo peruano havia construído 5.476 casas, que correspondiam a menos de 1% da real demanda do país naquele momento. Enquanto que, nesse mesmo intervalo de tempo, mais de 50.000 famílias haviam dado solução ao problema de habitação por conta própria. O que Turner defendia em seu artigo, entre outras pontuações, era que diante da realidade sul-americana, onde o problema da falta de moradia ainda era alarmante, restringir a solução ao poder público não seria a melhor opção. Ele afirmava que:

Ao se aplicar qualquer medida razoável desse tipo às condições de moradia, qualquer país latino-americano revela um problema quantitativo bem além da solução dada por qualquer agência de moradia imaginável; em 1959, tais medidas aplicadas na Venezuela mostraram que o “déficit de moradia” era 50 por cento do total de moradias do país; medidas semelhantes aplicadas no Peru mostraram um “déficit” de 89 por cento. Um problema numérico dessa escala estava claramente além do controle das agências envolvidas e, colocado nesses termos, não dava nenhuma ideia sobre possíveis linhas de solução. (TURNER, 1963, p. 390, tradução nossa).⁸

8 “Applying any reasonable standard of this kind to house conditions, any Latin American country reveals a quantitative problem quite beyond solution by any conceivable housing agency; in 1959 such standards applied in Venezuela showed the ‘housing deficit’ as being 50 per cent of the total living-quarters of the nation, similar standards applied in Peru showed a ‘deficit’ of 89 per cent. A numerical problem on this scale was clearly beyond the control of the agencies concerned and, stated in these terms, gave no insight into possible lines of solution”.

Para ele, então, a aliança entre a população e o Governo mostrava-se como solução necessária. Isso significa, portanto, aliar o trabalho comunitário com a capacidade de obtenção de recursos e conhecimento técnico do Governo. A esse respeito, Turner explicava que os:

Os fundos do governo, mesmo com o máximo de créditos estrangeiros, são bastante insuficientes para o financiamento direto de todo o trabalho de habitação necessário, mas não estão sujeitos aos mesmos riscos e demandas que o capital privado, podendo frequentemente ser usados como o ‘capital semente’ para um projeto de habitação, bem como para financiar a assistência técnica necessária. Além disso, o governo tem acesso ao conhecimento e aos meios de comunicá-lo àqueles que precisam. E, finalmente, o governo é o poder legislativo capaz de dirigir e, em maior ou menor grau, impor a disposição e o uso de terras e recursos nacionais. (TURNER, 1963, tradução nossa).⁹

Posteriormente, em “A New View of the Housing Deficit” (1966), Turner aprofundou suas críticas nas soluções adotadas pelo poder público ao problema habitacional. Para Turner, tais soluções respondiam à critérios quantitativos e não qualitativos: “o que acontece é que o ‘problema habitacional’ é frequentemente mal formulado em termos quantitativos em vez de qualitativos, de forma que as metas estabelecidas tendem a ser inatingíveis e, portanto, autodestrutivas.”¹⁰ (TURNER, 1966, tradução nossa). Segundo ele, existiam três elementos essenciais (e, aparentemente, universais) que variam de acordo com a condição social do morador, mas que deviam ser levados em consideração ao tratar da moradia: *abrigo, segurança e localização*¹¹. Para o morador de baixa renda, por exemplo, é essencial ter próximo de sua casa acesso fácil aos meios de transporte públicos, equipamento urbano e a seus contatos sociais (como família e amigos). Ao contrário, Turner aponta que, no caso do morador com alta renda, esses aspectos seriam indiferentes uma vez que eles contam com a possibilidade do uso de automóvel particular.

Já em “The Squatter Settlement: An Architecture that Works” (1968), Turner dá continuidade às questões levantadas em “Dwelling Resources...”, problematizando e propondo a noção de *liberdade*. Segundo ele, a *barriada* dá “liberdade de adesão a qualquer pessoa, liberdade aos moradores de administrar seus próprios recursos e *liberdade* de modelar o espaço habitado” (TURNER, 1968a,

9 “Government funds, even with the maximum foreign credits, are quite insufficient for the direct financing of all the housing work needed; but they are not subject to the same risks and demands as the private capital, and can often be used as the ‘vital-seed’ capital for a housing project as well as financing the necessary technical assistance. In addition, the government has access to knowledge and the means of communicating it to those who need it; and finally, government is the legislative power able to direct and, in greater or lesser degree, to enforce the disposition and use of national land and resources”.

10 “It follows that the ‘housing problem’ is commonly misstated in a quantitative instead of in qualitative terms so that the targets set tend to be unobtainable and, therefore, self-defeating”.

11 Estes aspectos correspondem a: *shelter, security e location*.

p. 359, tradução nossa)¹². O primeiro desses casos é o que mais nos interessa mais neste artigo, já que, na visão de Turner, a *barriada* se constituiria em um espaço “democrático”, que permite a qualquer um a afixação. Como resultado, há maior diversidade de moradores, ao contrário do que acontecia nos conjuntos habitacionais construídos pelo poder público, por exemplo, onde havia uma “pré-seleção” dos moradores.

É essa noção de *liberdade*, tão defendida por Turner, que fundamenta seu livro *Vivienda. Todo el poder para los usuarios*, publicado em 1977. Nessa obra, ele vai além do campo dos panoramas gerais e das análises, teorizando a questão da moradia. É como se, finalmente, ele consolidasse anos de estudos em princípios e propostas. Suas reflexões podem ser entendidas como um compilado amadurecido e enriquecido de seus trabalhos anteriores, mas dando maior ênfase a dois aspectos: a liberdade e a autonomia dos moradores em relação a sua moradia. Ele explicava que:

A tese desse livro é a que as estruturas radiais e as tecnologias descentralizadoras, isso é, os sistemas locais autogovernados, constituem os únicos métodos e meios capazes de proporcionar bens e serviços satisfatórios, além de ser os únicos que garantem o equilíbrio ecológico. (TURNER, 1977, p. 31-32, tradução nossa).¹³

Analisando as formas de controle/administração da moradia, Turner, no mesmo livro, aponta dois sistemas (Figura 2): o sistema heterônomo (administrado centralmente pelo Governo) e o sistema local autônomo (autogovernado pela própria comunidade). Para Turner, este último seria o mais adequado para conseguir um melhor desenvolvimento do espaço habitado.

Nesse sentido, a participação popular na questão habitacional, segundo o arquiteto, era de extrema importância para a manutenção desses espaços e para um bom uso dos recursos disponíveis. Enquanto nos grandes conjuntos habitacionais construídos pelo Poder Público, segundo Turner, eram gastas quantias significativas em propostas que não resultavam das demandas reais da população, as demandas locais seriam muito mais contempladas em propostas onde a população participasse desde as primeiras fases do planejamento. A esse respeito, ele afirmava que:

Deparamo-nos mais uma vez com a impossibilidade dos programas administrados centralmente, por mais participativos que afirmem ser, e de fazer uso total ou mesmo moderadamente adequado dos recursos normalmente utilizados com sucesso por autoconstrutores autônomos. (TURNER, 1977, tradução nossa).¹⁴

12 “The freedom of community self selection, the freedom to budget one’s own resources e the freedom to shape one’s own environment”.

13 “La tesis de este libro es que las estructuras radiales y las tecnologías descentralizadoras, esto es, los sistemas locales autogovernados, constituyen los únicos métodos y medios capaces de proporcionar bienes y servicios satisfactorios, además de ser los únicos que garantizan el equilibrio ecológico.”

14 “Nos encontramos de nuevo con la imposibilidad de los programas administrados centralmente, por más participatorios que pretendan ser, de hacer un uso completo o incluso medianamente adecuado de los recursos

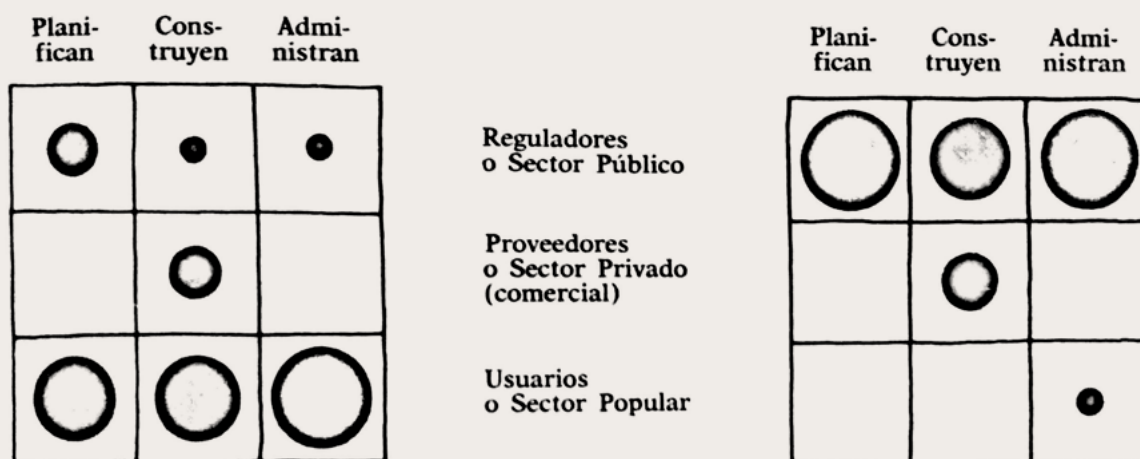


Figura 2. Diagramas dos dois tipos de sistemas de controle determinados por Turner.

Fonte: Turner (1977).

Finalmente, Turner enfatizava, porém, que ao defender a autoconstrução como um processo válido, ele não está afirmando que o morador tem que, necessariamente, *construir* sua própria casa. O que ele defende, na realidade, é o *controle* do processo por parte do morador, como explica a seguir:

a necessidade imperiosa e ineludível de construir a própria moradia pode acabar sendo tão opressora quanto a proibição de fazê-lo; o corolário da liberdade da autoconstrução é a liberdade de não ter que fazê-lo. Por mais benefícios materiais e humanos que a autoconstrução possa trazer, estes só serão plenamente realizados numa situação que permita liberdade de escolha para a sua prática, sem a qual os danos causados frequentemente predominarão sobre benefícios. Contudo, a questão fundamental [...] não é essa, mas a do controle ou do poder de decisão: quem realmente faz o que emerge das iniciativas iniciais e é, portanto, secundário a elas. Toda a questão da participação dos cidadãos gira em torno disto: participação de quem nas decisões de quem? (TURNER, 1977, p. 138, tradução nossa).¹⁵

normalmente empleados con éxito por los autoconstructores autónomos”.

15 “[...] la necesidad imperiosa e ineludible de construir la propia vivienda puede resultar tan opresiva como la prohibición de hacerlo; el corolario a la libertad para autoconstruir es la libertad para no tener que hacerlo. Por muchos beneficios materiales y humanos que pueda reportar la autoconstrucción, éstos solos se realizarán

John F. C. Turner e o Brasil: aproximações e reflexões

A primeira aproximação de Turner ao Brasil aconteceu em janeiro de 1968 através de um convite realizado pelo Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU)¹⁶ para ministrar, no Rio de Janeiro, um curso intitulado Programação Habitacional e Favelas, voltado para os profissionais da área e o público interessado. Durante sua permanência de duas semanas, ele visitou outras cidades como Brasília, Salvador, Recife e Belém¹⁷, o que lhe possibilitou conhecer de perto as soluções e os problemas da moradia da população de baixa renda.

Segundo o SERFHAU, pretendia-se “[...] utilizar da experiência do Professor John Turner para orientar os programas habitacionais que o Banco Nacional da Habitação está executando em todo o País” (A SALVAÇÃO..., 25 jan. 1968, p. 18). Isso é, no mínimo, curioso, uma vez que a política habitacional do BNH representava, como vimos na seção anterior, tudo aquilo que Turner criticava. Por outro lado, esse fato mostra a preocupação do Estado brasileiro por explorar políticas alternativas diante do fenômeno das favelas.

No Rio de Janeiro, o curso foi ministrado em cinco partes:

- 22 de janeiro: Introdução ao problema habitacional;
- 23 de janeiro: Relações dos agrupamentos de habitações sub-humanas com o desenvolvimento urbano;
- 24 de janeiro: Prioridades habitacionais e as condições sociais;
- 25 de janeiro: Análise dos projetos oficiais relacionados com as habitações sub-humanas; e
- 26 de janeiro: Agrupamentos habitacionais de baixa renda, política de habitação e projetos. Programação e conclusões.

A passagem de Turner pelas cidades brasileiras e as palestras que nelas ministrou foram muito bem divulgadas nos principais jornais locais¹⁸, ganhando destaque nas primeiras páginas. Isso nos dá indícios da importância e expectativa referente a visita do arquiteto inglês no meio profissional

plenamente en una situación que permita la libertad de opción para su práctica, sin la cual los perjuicios ocasionados frecuentemente predominarán sobre los beneficios. Sin embargo, la cuestión fundamental [...] no es ésta, sino la del control o poder para decidir: Quién hace en realidad lo que se desprende de las iniciativas iniciales y es, por lo tanto, secundario respecto a éstas. Toda la cuestión de la participación ciudadana gira en torno a esto: ¿La participación de quién en las decisiones de quién?”.

¹⁶ Criado em agosto de 1964, o SERFHAU foi o primeiro órgão federal focado na questão habitacional no Brasil.

¹⁷ Como se verá mais adiante, é provável que em cada uma dessas cidades tenha ministrado, também, conferências com a temática habitacional. No entanto, não foi possível aceder a informações relacionadas a Brasília.

¹⁸ Foram encontrados registros de tais convites em jornais soteropolitanos, como o *A Tarde*, *Diário de Notícias* e *Jornal da Bahia*; em cariocas, como o *Jornal do Brasil*, o *Diário de Notícias* e o *Correio da Manhã*; e no pernambucano *Diário de Pernambuco*.

local. As referências encontradas nos jornais são, basicamente, convites do SERFHAU e do BNH aos profissionais da área, aos estudantes e a todos os interessados no assunto.

Além do interesse em divulgar suas ideias, Turner tinha como objetivo visitar alguns exemplos de habitações populares brasileiras, fossem elas formais ou informais. No Rio de Janeiro, acompanhado pelo então Secretário de Serviços Sociais, Vitor Pinheiro, ele pôde visitar as favelas Nova Holanda e Santa Marta, esta em Botafogo. Na primeira, localizada na Zona Norte da capital carioca, existia um aglomerado de palafitas com mais de dois mil barracos, conhecido como “moradores da maré”, o qual também visitou. Segundo o *Jornal do Brasil*, teriam sido dois os objetivos que o levaram a conhecer a favela Nova Holanda:

[...] o primeiro foi satisfazer a vontade do Professor John Turner, que queria conhecer uma favela com casas tipo palafita, ‘coisa que eu só vi no Equador’ [...] A outra razão para a escolha da Favela Nova Holanda prende-se ao interesse do Secretário de Serviços Sociais em mostrar ao professor americano¹⁹ que o Governo do Sr. Negrão de Lima²⁰ tem um programa concreto e em desenvolvimento de assistência à população favelada do Estado. Há um conjunto de 100 apartamentos em construção na Favela Nova Holanda que o Sr. Vitor Pinheiro fez questão de mostrar ao Professor John Turner. (A SALVAÇÃO..., 25 jan. 1968, p. 18)

É interessante notar, de acordo com a reportagem do *Jornal do Brasil*, o interesse do Secretário em mostrar ao arquiteto o conjunto habitacional que estava em construção. Isso mostra como esse tipo de projeto ainda era visto pelo poder público como uma solução coerente para os moradores das favelas. Turner, em contrapartida, irá defender justamente o contrário em seu artigo “Habitação de baixa renda no Brasil: Políticas atuais e oportunidades futuras”, escrito para a revista *Arquitetura* (órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil), ao final de sua visita ao Brasil, como veremos mais adiante.

Durante o período que Turner esteve no Brasil, os jornais deram um espaço significativo para a divulgação de suas posições. No *Correio da Manhã*, por exemplo, um pouco depois de sua estadia no Rio de Janeiro, se afirmava que, segundo Turner, “a política de habitação de baixo custo e de desenvolvimento urbano dos países latino-americanos é inadequada e ineficaz, pois o problema habitacional não pode ser encarado sob o ponto de vista de **déficit**, uma vez que, caso se construísse o número de casas necessárias, a economia das pessoas a que se destinam e a do próprio país seriam arruinadas” (ARQUITETO..., 16 mar. 1968, p. 5).

¹⁹ Alguns jornais da época insistiam em chamar John Turner de “americano”, apesar da sua nacionalidade ser inglesa.

²⁰ Naquele momento, ele era Governador do Estado da Guanabara.

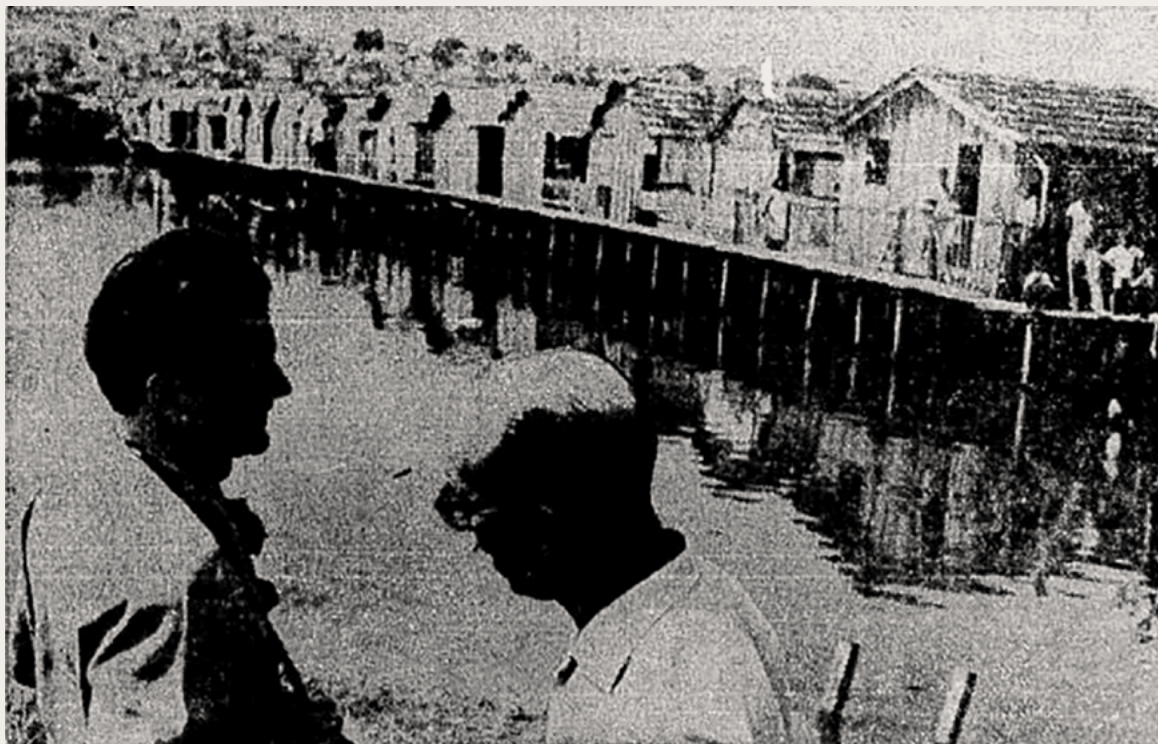


Figura 3. Turner e Victor Pinheiro avistando os “moradores da maré”.

Fonte: *Jornal do Brasil*, 25 jan. 1968.

Algumas das notícias publicadas dão conta de suas impressões diante do cenário habitacional brasileiro (que, na verdade, pouco diferiam de suas impressões do cenário latino-americano como um todo, já antes declaradas em seus artigos). Ainda segundo o jornal *Correio da Manhã*:

O sr. John Turner considera que a condição urbana do Brasil se apresenta estática e caótica e seu planejamento urbano e a política habitacional refletem uma série de erros, embora tenha ficado impressionado com a segurança, coragem e esperança dos brasileiros neste setor. [...] Os conjuntos residenciais financiados pelo poder público, como as Vilas Kennedy, Aliança e Esperança e a Cidade de Deus, são formas diretas de impor padrões e maneiras de viver fortemente inadequados à massa das populações urbanas em seu atual estágio de desenvolvimento. (ARQUITETO..., 16 mar. 1968, p. 5.)

A chegada de Turner a Salvador foi noticiada na matéria “SERFHAU fará planejamento habitacional em Salvador”, publicada pelo jornal *A Tarde* (Figura 3). Nela se afirmava que:

O assessor da O.N.U. para assuntos da habitação, Sr. John Turner, garantiu, ontem, que recursos técnicos e financeiros para planejamento municipal e metropolitano de nove cidades brasileiras, entre as quais Salvador, já estão assegurados pela SERFHAU. Falando no Instituto dos Arquitetos da Bahia, o Sr. John Turner discorreu em língua espanhola sobre o problema dos Alagados²¹ de Itapagipe defendendo a implantação de uma infra-estrutura urbana naquela área, com serviços de água, luz e um sistema educacional eficiente. (SERFHAU..., 30 jan. 1968, p. 3)

Já ao final de sua visita ao Brasil, na cidade de Belém do Pará, Turner escreve o artigo²² “Habitação de Baixa Renda no Brasil” para a revista *Arquitetura* do IAB, como já mencionado. Nele, Turner expressa suas impressões sobre o que viu no Brasil, reforça suas teorias sobre a habitação popular (dando, dessa forma, uma continuidade ao defendido até então) e relaciona os problemas das favelas brasileiras ao seu principal objeto de estudo, as *barriadas* peruanas. Ele afirmava:

Quais seriam minhas primeiras impressões, como arquiteto e planejador, depois de passar duas semanas conversando e percorrendo o Brasil? Após visitar muitas favelas, conjuntos residenciais e outras formas de moradia urbana no Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Recife e Belém e de ter entrado em contato com pessoas de diferentes níveis sociais — desde os mais pobres moradores de alagados de Salvador e Recife até os integrantes da mais alta cúpula — estou convencido de três coisas. A primeira delas é a condição urbana no Brasil se apresenta tão dinâmica e caótica quanto a de qualquer outro país em rápido processo de urbanização. A segunda é que o planejamento urbano e a política habitacional no Brasil refletem os mesmos erros encontrados nos demais países em idênticas condições de desenvolvimento. E, finalmente, a mais importante: fiquei impressionado com o fato de serem os brasileiros mais seguros, corajosos, esperançosos e abertos à mudança do que grande maioria de outros países em desenvolvimento (TURNER, 1968b, p. 17).

Nesse artigo, Turner transcreve uma frase que se tornaria emblemática e que sintetiza todo seu arcabouço teórico: “Mostraram-me problemas — favelas, mocambos, alagados etc. — que considero soluções. E me mostraram soluções — conjuntos habitacionais de baixo custo — que eu chamo problemas” (TURNER, 1968b). Segundo ele, os conjuntos habitacionais eram parte de uma solução comumente adotada por países altamente industrializados, não sendo soluções plausíveis para países

21 A partir da década de 1970, os Alagados seriam objeto de intervenção/remoção por parte do poder público.

22 Sendo traduzido para o português pelo arquiteto paraense Antonio Paul Albuquerque.

em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Tentar aplicá-los aqui seria, segundo ele, impor um modo de vida não pertencente ao das pessoas de baixa renda, moradoras das favelas, ou de qualquer outro assentamento informal. Ele afirmava que:

A família média brasileira, nas grandes cidades, provavelmente não tem condições para arcar com o custo da institucionalização [...] Os conjuntos residenciais financiados pelo poder público que tive oportunidade de ver no Brasil — praticamente idênticos aos que vi ou estudei em relatórios sobre outros países — são formas diretas de impor padrões e maneiras de viver fortemente inadequadas à massa das populações urbanas em seu atual estágio de desenvolvimento (TURNER, 1968b, p. 18).

Outro ponto relevante nesse artigo é a sua posição em relação às necessidades primordiais das famílias de baixa renda. Para Turner, estas passavam pela *demand a por terra*, pela implementação de *equipamento comunitário* e pelo acesso aos serviços públicos. No artigo, ele apresenta uma visão otimista do Brasil, já que o país contava com diversos órgãos voltados para sanar o problema habitacional, como o BNH, o SERFHAU e o CENPHA. Turner afirmava:

[...] o Brasil continuará a se desenvolver e a mudar em velocidade cada vez maior. O Brasil tem no BNH uma instituição excepcionalmente forte, servida por excelentes organismos de planejamento e pesquisa — o SERFHAU e o CENPHA. O país apresenta uma escala e uma diversidade colossais que, juntamente com sua organização federativa, oferece muito mais oportunidades para testar novas políticas do que qualquer outro país da América Latina. E, o que é mais importante de tudo, existem muitos brasileiros esperançosos e decididos. [...] Tenho esperança de que o Brasil venha a ser um dos pioneiros das novas políticas, tão desesperadamente necessárias a converter nossas cidades em veículos efetivos do desenvolvimento social e econômico. (TURNER, 1968b, p. 19)

O debate sobre a cidade informal: novas ou velhas questões?

Nas décadas que se seguiram a essa primeira visita de Turner ao Brasil, o que pode ser notado é que o enfrentamento do problema da falta de moradia continua sem solução. Pior ainda, a forma como o Estado vem enfrentando essa questão continua privilegiando a construção de grandes conjuntos habitacionais em áreas periféricas cujos residentes sofreram, em grande parte dos casos, processos de remoção de áreas centrais. Ou seja, ainda se acredita na ideia de que a moradia seria um produto final de um “encadeamento de decisões” centralizadas (TURNER, 1977).

A partir da década de 1980, os trabalhos de John Turner tiveram grande repercussão no país. Um dos profissionais mais influentes desse período foi o arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos, que foi, sem dúvida, um dos maiores entusiastas das teorias *turnerianas*. A importância de Carlos Nelson se concretizou, segundo Silvana Olivieri (2007), no cenário brasileiro com o

trabalho realizado na favela de Brás de Pina, na década de 60. Para ela, “a urbanização de Brás de Pina foi uma experiência duplamente pioneira: era tanto a primeira urbanização de favela como o primeiro caso de participação de moradores em arquitetura e urbanismo no Brasil” (OLIVIERI, 2007, p. 139). Ainda segundo Olivieri:

Carlos Nelson Ferreira dos Santos é uma figura pioneira e marginal no urbanismo brasileiro. Combatendo quase solitariamente e com grande contundência a tradição autoritária dominante no campo, como também os niilismos e os ‘utópicos futurismos salvadores da pátria’, buscou transformá-lo em uma prática participativa, dialógica, micrológica e autorreflexiva (OLIVIERI, 2007, p. 138).

Pode-se dizer, então, que Carlos Nelson foi, no Brasil, pioneiro na proposta do urbanismo como resultado da participação popular. É por isso que se pode relacionar seu trabalho ao de John Turner, além, claro, de se poder ver a influência direta e clara do arquiteto inglês. Ainda, esta ideia se fundamenta, também, em alguns depoimentos como o de Maria Silva.²³ Para ela “uma influência importante para toda a nossa geração, minha e do Carlos Nelson, foi John Turner, arquiteto e urbanista que desenvolveu durante anos um trabalho nas *barriadas* de Lima, no Peru, e divulgou a perspectiva do urbanismo ‘de baixo para cima’, ou seja, a partir dos moradores.” (SILVA, 2002, p. 109).

De fato, se analisarmos o seu mais influente livro, *Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro* (1980) (Figura 4), o que podemos observar no discurso é a defesa pela apropriação do espaço urbano; a valorização do tradicional em contraponto com o “moderno” e, em especial, com o planejamento racional; a permanência das favelas a partir do reconhecimento das particularidades e do cotidiano de seus habitantes; a crítica aos processos de especulação imobiliária e as consequentes remoções dos moradores da cidade informal realizadas pelo poder público; a visão positiva dessas áreas e moradores a partir de um olhar antropológico. Ou seja, como vimos anteriormente, questões que Turner defendia desde a década de 1960.

No entanto, foi também na década de 1980 que surgiu uma série de críticas que relativizaram e questionavam as possibilidades e limitações da participação popular e dos processos de autogestão proposto por Turner. Apesar disso, para Rod Burgess (1978, p. 1106), “tem se tornado cada vez mais claro que as ideias de Turner, ele gostando ou não, agora formam parte de um crescente consenso entre as opiniões de especialistas da habitação, urbanistas e grupos de ajuda internacional” (tradução nossa).²⁴ Para Hughes e Sandler (2000, p. 47), um dos maiores aportes de Turner foi o de permitir lançar um novo olhar sobre a cidade informal. Para eles,

23 Professora da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, mestre em Planejamento Urbano pela COPPE-UFRJ e doutoranda em Geografia pela UFRJ, Maria Lais Pereira da Silva, socióloga e urbanista, trabalhou com Carlos Nelson nos anos de 1976 a 1989 no Centro de Pesquisas Urbanas do IBAM.

24 “It has become increasingly clear that Turner’s ideas, whether he likes it or not, now form a part of a growing consensus of opinion amongst housing experts, planners and international aid groups”.



Figura 4. Capa do livro *Quando a rua vira casa* organizado por Carlos Nelson e publicado em 1980.

Fonte: Acervo da Biblioteca da FAUFBA.

Talvez mais do que qualquer outro, Turner mudou a forma como nós percebemos os assentamentos, qualquer que seja o lugar. O seu artigo de 1966 no Seminário das Nações Unidas sobre Assentamentos Urbanos Descontrolados foi o que mais influenciou a implementação dos programas habitacionais no modelo ‘sites-and-services’ (de lotes urbanizados)” (tradução nossa).²⁵

Já para Payne²⁶ (2012), Turner teria “mudado a forma como os profissionais envolvidos no ambiente construído percebem questões urbanas nos países em desenvolvimento” (tradução nossa).²⁷

Mais recentemente, têm se destacando as propostas do arquiteto chileno Alejandro Aravena, mais especificamente aquelas vinculadas a seus projetos para habitação social elaborados pelo seu escritório Elemental a partir dos anos 2000. Talvez o caso mais emblemático, bastante divulgado e conhecido internacionalmente, tenha sido o projeto para a Quinta Monroy (2004) na cidade de Iquique, no Chile. Para a elaboração da proposta, afirma-se que:

O projeto da Quinta Monroy deveria ser realizado especificamente no âmbito de um novo programa do ministério denominado Ministério da Habitação Social Dinâmica sem Dívida (VSDsD, em espanhol), que se centra nos mais pobres da sociedade, aqueles que não têm capacidade para contrair dívidas [...] Em primeiro lugar, devemos assumir o comando do crescimento, tanto no sentido de facilitar as operações de expansão como no de evitar a degradação do espaço urbano em consequência da má qualidade da construção, como é esperado. Por outro lado, há que considerar a crítica histórica à habitação social: a sua incapacidade de responder à diversidade de configurações, gostos e sensibilidades das diferentes famílias; na busca pela economia, devido à tendência à repetição e à serialização, foram criados bairros monótonos e de péssima qualidade. Contudo, num cenário em que mais de metade da superfície habitável será autoconstruída, a repetição, a

25 “More, perhaps than anyone else, Turner changed the way in which we perceive such settlements anywhere. It was his paper at the 1966 United Nations seminar on Uncontrolled Urban Settlements that was most influential in setting in motion ‘sites-and-services’ housing programmes”.

26 Geoffrey Payne é um arquiteto Inglês com mais de 40 anos de trabalho no estudo de assentamentos informais, principalmente na Índia e na Turquia.

27 “changed the way professionals involved in the built environment perceived urban issues in developing countries”.

monotonía e eventualmente a aridez do núcleo inicial poderán ser a única forma de ordenar un ambiente con elevada probabilidade de ser caótico.^{28 29}

Outros aspectos que son levados en consideración polo Elemental tem a ver con a “serialización” e “repetición” os cauais, no panorama mostrado acima, poderían ser usados sen “peso na consciencia”³⁰. É evidente que poden ser encontradas varias semellanzas e aproximacións con as teorías de Turner. Alén dos já citados, chama a atención a proposta do Elemental por pensar a moradia como un módulo mínimo, porén “definitivo”, o cal sería ampliado ou complementado segundo as necesidades e posibilidades familiares. Outro aspecto relevante está relacionado con a escala do barrio. Para o Elemental:

O que é esencial de verdade non está tanto na casa en si, mas no barrio. Non só como a aspiración a un design que permita que o barrio non comece a se deteriorar no día seguinte á entrega das casas, mas que antes promova a súa valorización ao longo do tempo (porque non importa quanto se invista na casa, se o barrio for ruim, tudo vai pelo ralo). También son fundamentais a boa localización e a proximidade de redes de oportunidades, que son, no fondo, o que una cidade é: oportunidades de emprego, transporte, educación, saúde etc. (tradución nossa).^{31 32}

Quer dizer, da mesma forma que Turner, entende-se a moradia non só como a unidade en si, mas como a súa relación con o entorno, con a cidade, con as actividades e o cotidiano dos moradores. Ou, en outras palabras, con a súa tríade: abrigo, localización e segurancia (TURNER, 1968b). Apesar diso, chama a atención que no discurso do Elemental non se faça nenhuma referencia a

28 El proyecto para Quinta Monroy debía trabajar específicamente en el marco de un nuevo programa del Ministerio llamado Vivienda Social Dinámica sin Deuda (VSDsD), el cual está enfocado a los más pobres de la sociedad, aquellos que no tienen capacidad de endeudamiento [...] En primer lugar, hay que hacerse cargo del crecimiento, esto tanto en el sentido de facilitar las operaciones de ampliación, como de evitar la degradación del espacio urbano producto de la precaria calidad de construcción que es dable esperar. Por otra parte, se debe considerar la crítica histórica a la vivienda social: su incapacidad de responder a la diversidad de conformaciones, gustos y sensibilidades de las distintas familias; en la búsqueda de la economía, la tendencia a la repetición y la serialización, se han generado barrios monótonos y de muy mala calidad. Pero en un escenario en que más de la mitad de la superficie habitable serán autoconstruida, la repetición, monotonía y eventualmente la sequedad del núcleo inicial, podrían ser la única manera de ordenar un entorno con una alta probabilidad de ser caótico

29 Retirado do Site oficial do Escritório <http://www.elementalchile.cl/proyectos/>. Acceso em 20 nov. 2016.

30 *idem*.

31 Lo verdaderamente clave no está tanto en la vivienda misma, sino en el barrio. No sólo como la aspiración a un diseño que permita que el barrio no comience su deterioro al día siguiente de entregadas las casas, y que más bien promueva su valorización en el tiempo (porque por mucho que se invierta en la casa, si el barrio es malo todo se va para abajo). También son fundamentales la buena localización y la cercanía a las redes de oportunidades, que son, en el fondo, lo que una ciudad es: oportunidades de trabajo, transporte, educación, salud, etc.

32 *idem*.

Turner nem mesmo ao *Proyecto Experimental de Vivienda* (PREVI)³³, que inspirou, sem dúvidas, as propostas de habitação desenvolvidas especialmente a partir da experiência da Quinta Monroy. Ainda mais quando dois membros da equipe desse escritório realizaram e publicaram uma pesquisa sobre experiência e resultados do PREVI³⁴. Nesse sentido, podemos questionar: até que ponto se propõem novas formas de entender, enfrentar e dar solução aos problemas de moradia da classe menos favorecida e à situação da cidade informal? Tratam-se de visões e propostas “atualizadas” das teorias *turnerianas*? O que de novo trazem essas propostas?

Considerações finais

A análise de parte da extensa produção escrita por John Turner mostra-nos que determinados temas como os da autoconstrução e autogestão foram ganhando destaque, em especial, na década de 1970. Além da pertinência do debate e da reflexão teóricas em relação aos aspectos positivos das favelas em contraponto com a produção da “habitação social hoje produzida institucionalmente” (AGUIAR, 2010), devemos chamar a atenção para as críticas que ele faz aos próprios arquitetos e urbanistas em relação à falta de sensibilidade ou ignorância desse fenômeno urbano, criticando, muitas vezes a atitude elitista desses profissionais.

Por outro lado, é possível entender por que essa preocupação e atitude de Turner teve grande acolhida: politicamente, naquele momento, os governos latino-americanos pretendiam evitar possíveis “focos” comunistas. Não é à toa que os EUA são um dos principais incentivadores desse novo interesse em relação à participação popular (lembremos que Turner esteve vinculado entre 1965 e 1973 ao MIT e à Universidade de Harvard). Além disso, podemos lembrar-nos do impacto internacional que teve a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos (Habitat I), realizada em 1976, onde muitas questões centrais se aproximam do que defende Turner.

Por fim, a [re]visão das teorias de John Turner iniciadas há 50 anos se mostram ainda vigentes no que tange ao problema da habitação social, ao conceito de moradia vinculado não só a equipamento urbano, mas, também, ao melhor desenvolvimento das atividades dos moradores, à necessidade dos processos participativos da sociedade e ao olhar sobre as potencialidades da cidade informal (favelas, *barriadas* etc.) no Brasil e na América Latina. Basta pensar, por exemplo, nas críticas ao Programa Minha Casa Minha Vida, o qual, como aponta Rizek (2014), faz parte de uma série de “programas e políticas sociais e culturais bastante diversas, mas articuladas e entrecruzadas de forma nem sempre explícita e clara”.

33 O PREVI foi um concurso internacional para habitação idealizado no final da década de 1960 durante a governo do presidente peruano Fernando Belaúnde Terry. A esse respeito, ver: Huapaya (2014).

34 Nos referimos ao livro de García-Huidobro, Torres e Tugas, *El tiempo construye! El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: génesis y desenlace* (2008). Os dois primeiros formavam, na época da publicação, parte desse escritório. Atualmente no site oficial do Elemental somente Diego Torres Torrini aparece como arquiteto sócio.

Referências

A SALVAÇÃO pelo trabalho. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 jan. 1968, p. 1.

AGUIAR, D. Revisitando Turner. Habitação social e os desafios da cidade contemporânea. **Arquitectos**, a. 11, dez. 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.127/3701>. Acesso em: 03 nov. 2016.

ALMANDOZ, A. Mudanças políticas e institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra. In: GOMES, M. A. A. F. (org.). **Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920/1960**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 231-259.

ARQUITETO dos EUA acha que favelas devem continuar. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 16 mar. 1968, p. 5.

BONDUKI, N. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

BURGESS, R. Petty Commodity Housing or Dweller Control. A critique of John Turner's Views of Housing Policy. **World Development**, Londres, v. 6, n. 9/10, p. 1105-1133, 1978.

COHEN, M. John F.C. Turner and Housing as a Verb. **Built Environment**, Oxon, v. 41, n. 3, p. 412-418, 2015.

FERNANDEZ-MALDONADO, A. M. Las barriadas de Lima como estímulo a la reflexión urbana sobre la vivienda Revisitando a Turner y a De Soto. **Wasi. Revista de estudios sobre vivienda**, Lima, v. 2, n. 3, p. 7-24, 2015.

GARCÍA-HUIDOBRO, F.; TORRES TORRITI, D; TUGAS, N. **El tiempo construye! El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: génesis y desenlace**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.

GYGER, H. **The Informal as a Project: Self-Help Housing in Peru, 1954-1986**. Tese de Doutorado, Universidade de Columbia, 2013.

GORELIK, A. A produção da “cidade latino-americana”. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 111-133, jun. 2005.

HALL, P. **Cidades do amanhã**. São Paulo: Perspectivas, 2011 [1988].

HUAPAYA ESPINOZA, J. C. **Fernando Belaúnde Terry y el ideal moderno. Arquitectura y Urbanismo en el Perú entre 1936 y 1968 / Fernando Belaúnde Terry e o ideal moderno. Arquitetura e urbanismo no Peru entre 1936 e 1968**. Lima: Editorial Universidad Nacional de Ingeniería/Editorial Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Artes, 2014.

_____. Eduardo Neira Alva. Aportes profesionales para el debate sobre el desarrollo territorial y la ecología urbana en América Latina, 1961-1998. **Ensayo: Revista de Arquitectura, Urbanismo y Territorio**, Lima, v. 1, n.1, p. 67-82, 2015a.

_____. Reflexões sobre a forma urbana latino-americana. O aporte dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e da Sociedade Interamericana de Planificación, 1920-1976. **Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade**, Campinas, v. 7, n. 10, p. 63-88, 2015b.

_____. ¿Modernismo regional o regionalismo moderno? La contribución de Eduardo Neira Alva al problema de la vivienda en América Latina. **Wasi. Revista de estudios sobre vivienda**, Lima, v. 2, n. 3, p. 101-115, 2015c.

HUGHES, J.; SADLER, S. **Non-Plan: Essays on freedom participation and change in modern architecture and urbanism**. Nova Iorque: Architectural Press, 2000.

MCGUIRK, J. **Ciudades radicales. Un viaje a la nueva arquitectura latinoamericana**. Madrid: Turner Noema, 2015 [2014].

OLIVIERI, S. **Quando o cinema vira Urbanismo**. Salvador: UFBA, 2007. 190 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

PAYNE, G. Inspiring urbanists: John F. C. Turner and the right to control one's own housing process, 2012. Disponível em: <http://globalurbanist.com/2012/01/24/inspiring-urbanists-john-turner>. Acesso em: 03 nov. 2016.

RIZEK, C. S. O Programa Minha Casa Minha Vida Entidades: provisão de moradia no avesso da cidade? **Cidades**, São Paulo, v. 11, n. 19, p. 236-264, 2014.

SANTOS, C. N. F. dos; et. al. (org.). **Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, T. P. S. A. Who decides. Who provides. Um contributo para a compreensão da obra de John Turner. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, 2014.

SERFHAU fará planejamento habitacional em salvador. **Jornal A Tarde**, Salvador, 30 jan. 1968, p. 3.

SILVA, M. L. P. Depoimento. In: FREIRE, A.; OLIVEIRA, L. L. (org.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca: depoimentos ao CPDOC/FGV**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

TURNER, J. Dwelling Resources in South America. **Architectural Design**, Londres, n. 8, p. 359-393, 1963.

_____. A new view of the housing deficit. San Juan Seminar, 1966, Rio Piedras. Rio Piedras: University of Puerto Rico, 1966, p. 1-17. Disponível em: <http://www.communityplanning.net/John-FCTurnerArchive/pdfs/SanJuanSeminarPaper.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2016.

_____. The Squatter Settlement: An Architecture that Works. **Architectural Design**, Londres, n. 8, p. 356-360, 1968a.

_____. Habitação de baixa renda no Brasil: Políticas atuais e oportunidades futuras. **Arquitetura**, Rio de Janeiro, n. 68, p. 17-19, 1968b.

_____. **Vivienda, todo el poder para los usuarios**. Madrid: Hermann Blume Ediciones, 1977.

COMO CITAR

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; GRAPPI, Letícia. Novas-velhas questões? [Re]visitando as teorias de John F. C. Turner sobre a “cidade informal” no Brasil. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 11, p. 142-163, 2024.